



POSSIBILIDADES POLÍTICO-POÉTICAS: POR UMA EXUNÊUTICA DA LITERATURA

Marcelo D'Ávila Amaral¹

Eixo Raça, racialização e racismo: Epistemologias e pensamentos decoloniais.

Palavras-chave: exu; cânone literário brasileiro; poesia; crítica de arte.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, eminentemente teórico, pretende instrumentalizar noções a reboque da figura de Exu, orixá primordial do panteão da religiosidade brasileira afrorreferenciada, para as utilizar como perspectiva teórico-epistemológica de uma virada crítica sobre a cultura brasileira. Essa posição contra-hegemônica é conformada por duas críticas a desenvolver.

A primeira crítica se apresentará à metodologia, mais precisamente contra métodos tomados a empréstimo das ciências naturais e sociais; contra um olhar sobre a arte tipicamente eurocentrado (SANTOS, 2020). A segunda proposição crítica tomará em consideração o conceito de poesia; conceito naquilo que desautoriza formas de dizer provenientes de outros locais; outras formas de dizer que, nas margens, resistem, existem e insistem no apesar de nossa sociedade brasileira; o RAP nacional sendo exemplo sintomático.

O conhecimento contemporâneo presumido sobre os fenômenos estéticos possui algumas circunscrições e acepções que delineiam áreas de influência e formatos impregnados de um *a priori* valorativo. As formas de validação do saber que nos são acessíveis são construtos teóricos que nos vêm desde o Renascimento europeu, a nos fazer crer na univocidade da Ciência como sinal dos tempos modernos, malgrado todo pessimismo, que, vez e outra, foi seu corolário. “E a ciência mesma, a nossa ciência – sim, o que significa em geral, encarada como sintoma da vida, toda a ciência? Para que, pior ainda, *de onde* – toda a ciência?” (NIETZSCHE, 2007, grifo do autor). Assim, o saber válido parece ser sempre validado em nome próprio, a sustentar uma preponderância epistêmica europeia e branca e cristã e patriarcal, que, nessa perspectiva, é sinonímia de humanidade e de sua “natural” evolução e, por isso mesmo, chamada “universal”.

Entrementes, essa ascensão humanística aleija todos os outros mundos em que vivem homens e mulheres à parte do usufruto desse conhecer do homem, pois mundos formados por vivos aquém do homem – ainda que detenham e pratiquem saberes de há milênios, transmitidos, transladados e traduzidos (transcriados) por uma rede de vozes que subjaz à voz da autoridade ocidentalocêntrica.

¹ Doutorando; IFPR Campus Ivaiporã; marcelo.amaral@ifpr.edu.br



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De difícil ou impossível precisão, Exu (Èṣù, em iorubá) é um orixá que mais forte e intensamente foi demonizado pela cultura judaico-cristã, chegando mesmo a ser “traduzido” por Satanás, Lúcifer, diabo, quando Samuel Crowther pôs no papel a língua tonal iorubana, no seu *Vocabulary of the Yoruba Language*, cuja primeira edição é de 1843. É a partir desse dado que Sàlámi (2016) defende que esta tradução fora resultado de um projeto, pois que se trata de uma deidade onipresente na cosmologia dos diversos povos em África ou em diáspora. Se Exu é o mensageiro entre os deuses (os orixás) e os homens, sem Exu, não há nada. Não há oráculo. Não há oferendas; não há sacrifício. Não há retribuição ou restituição e, assim, não há equilíbrio, harmonia. Igualmente não há mudança. Não há morte e não há vida, pois não há fim (finalidade), tampouco início; todas essas características sendo consubstanciações exusíacas. Deus transversal, Exu concerne às cosmologias e aos sistemas filosóficos-religiosos dos povos Jeje-Fom, Bantu e Nagô para cá translados no holocausto que foi a escravidão brasileira. Exu representa o valor do aqui-e-agora (ainda que detenha outros traços espaço-temporais).

Visto isso, proponho recortar, para análises literárias, *corpus* que representem uma gesta poética mais ampla, uma grafia que se realize corporeamente segundo a voz, mas também enquanto sonoridades, gestos, cores, volumes, movimentos, ecos, surdos, agudos, ritmos, timbres, solfejos e toda uma gramática do corpo ou pelo corpo a dar forma aos saberes, às práticas e às resistências de uma episteme milenar, ainda que transcrita, na adjetivação de Leda Maria Martins (2021), como o são as poéticas afrorreferenciadas. Desejo comentar, pois, da literatura e da poesia como performance, interessando-me por uma acepção um tanto mais alargada do poético. Busco, assim e com isso, o *pathos* original da performatividade poética, sua vocalidade inaugura. Ainda: o corpo como *locus* por excelência da poesia, na acepção de Paul Zumthor (2018).

RESULTADOS

Exu, então, é o corpo que exala sons e ritmos, canta e dança, tamborila e se enfeita, aspectos fundamentais da existência (persistência) do modo de viver, ver e pensar dos terreiros de candomblé no Brasil e das escolas de samba do Rio de Janeiro, para ficarmos em exemplos mais à mão. Exu é a deidade que melhor representa a resistência de uma prática (de uma ética e estética) e de um saber (de uma episteme) para uma existência (política) negra subalternizada do Brasil de hoje, pois “Na raiz da diferença epistemológica, há uma diferença ontológica” (SANTOS, 2020). O pensamento crítico, hoje, deve se construir no cruzamento de saberes, que, críticos que são, alimentem uma nova tradição.



REFERÊNCIAS

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogá, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SÀLÁMI (KING), Síkírù; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: as afirmações das epistemologias do Sul. 1.ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.